

As gerações de deuses que progridem e os entes atrasados **Rudolf Steiner**

GA 129* Oitava palestra^{NT} Munique 25 de agosto de 1911

Tradução: Salvador Pane Baruja, 29/04/2026

Uso particular e sem fins lucrativos

No decorrer da palestra de ontem, vimos como inúmeras forças macrocósmicas agem na natureza do ser humano. Vimos também como a alma grega {NT: da antiguidade} sentiu essas forças macrocósmicas e a maneira que as expressou figurativamente, naquilo que hoje em dia em grande parte chamamos de a mitologia grega. Eu não lancei mão repetidamente da mitologia grega com a intenção de explicá-la, mas para, de uma certa perspectiva, esclarecer adequadamente certas inverdades. Para isso, é melhor utilizar imagens, e também o que é historicamente conhecido, do que representações abstratas da vida, que, na sua pobreza, não podem expressar as grandes maravilhas do mundo. Vimos também que a figura do Dioniso já carrega algo que tem relação com as mais íntimas de nossas forças anímica, com aquilo que poderíamos chamar de provações anímicas {Os mistérios de Dioniso na antiga Grécia foi o tema central dessa palestra}.

No sentido esotérico, como chamamos na verdade as provações anímicas? As provações anímicas surgem quando o ser humano tenta percorrer os caminhos da alma que poderiam conduzi-lo aos mundos espirituais. Ontem mesmo já sugeri algo sobre as provações anímicas mais fáceis e mais silenciosas. Se quisermos falar em sentido geral, poderíamos dizer que as provações anímicas consistem em vivências que a pessoa tem enquanto está a caminho de elevar-se aos mundos superiores, o que não ocorre simplesmente assim, mas exige uma certa preparação para estar à altura da meta. As provações consistem, portanto, em que as pessoas se esforcem para suportar certos conhecimentos, para enfrentar calmamente essas vivências.

Basicamente, uma vivência anímica não muito distante disso é sugerida ao senhores no final da segunda peça dramática rosacruziana *A Provação da alma*^{NT}. Justamente com essa vivência anímica poderíamos ilustrar o que significa, literalmente, uma provação da alma. Vejamos a figura que é apresentada nessa peça como sendo Capesius. Através dos dois dramas, sabemos das vivências de Capesius. Nelas vimos como ele chega gradualmente à vida espiritual, como, inicialmente, só tem pressentimentos sobre a vida espiritual provocados pelo sentido comum, o que o afastou daquilo que até então conhecera na sua vida de erudito^{NT}.

NT: Esta palestra, assim como as outras dez que conformam o ciclo *As maravilhas do mundo, as provações da alma e as manifestações do espírito*, foi apresentada em meio a dois eventos determinantes da Antroposofia. Conforme a introdução de Marie Steiner à primeira edição do ciclo em 1912, eles são a estréia da peça esotérica *A provação da alma* em 17 de agosto de 1911 e a decidida recusa de Rudolf Steiner em aceitar a decisão da Sociedade Teosófica Geral de nomear um jovem indiano (Jiddu Khrisnamurti) como a nova encarnação de Cristo Jesus. Nesta palestra traduzida ao português, Steiner não menciona o segundo evento, mas cita repetidamente personagens da peça, que, aliás, segundo consta na primeira página da edição em alemão, fora escrita “por meio de” Rudolf Steiner. Segundo os editores da edição de 1977 do ciclo de palestras, Edwin Froböse und Wolfram Groddeck, as notas taquigráficas de Franz Seiler apresentavam muitas lacunas, que, em alguns casos, foram parcialmente sanadas. O nome do autor dos desenhos não é citado.

A provação da alma, apostila editada pela Sociedade Antroposófica no Brasil, São Paulo, s/d.
Capesius representa o erudito professor que consegue seguir um caminho espiritual.

Entretanto, Capesius tem pressentimentos de que o mundo espiritual engloba em si mesmo uma realidade superior. Na medida em que vivencia interiormente esses pressentimentos de maneira intensa, que se tornam muito vivos, também tem certas impressões que uma pessoa necessariamente recebe do que se pode chamar de publicações exteriores do ocultismo, da ciência espiritual ou oculta. Estas publicações da ciência espiritual são, na sua essência, diferentes, por exemplo, de informações científicas ou literárias.

Enquanto que essas outras informações atuam simplesmente no nosso intelecto ou talvez indiretamente através do intelecto nas nossas forças anímicas, quem deixa que algo espiritual ou da ciência oculta aja nele de maneira correta sente que a sua mais íntima vida anímica é sacudida. A pessoa sente que, de certa forma, algo flui de toda a ciência espiritual, não como conteúdo abstrato, mas, ao contrário, como vívida vida. Algo assim sente Capesius, depois de ir além seus pressentimentos e se enfrontar na primeira imagem de *A provação da alma*, no chamado Livro da Vida, que provém de Benedictus^{NT}.

O resultado disso não é apenas o que ele pensa a respeito, que ele, como geralmente ocorre, fica cismado e quer ir além, mas que, de uma maneira incompreensível, ele sente como o mundo espiritual irrompe {NT: na sua vida}. Sim, isso tem mais um resultado! Pode-se comparar facilmente a atmosfera que reina no primeiro ato do segundo drama com o ambiente existente logo no início de *Fausto*, de Goethe^{NT}. Contudo, é algo absolutamente diferente. Na verdade, o ambiente em *Fausto* apenas significa que a pessoa pode chegar a uma certa forma de ceticismo, de dúvida, em relação a todo tipo de conhecimento, que, a partir do seu impulso interior humano, pode buscar outros caminhos além dos corriqueiros caminhos do saber ou do conhecimento. Com Capesius é diferente.

Como no início ele justamente é levado a um profundo conflito interior, passa a reconhecer que a dúvida, o persistir no desconhecimento, é o maior pecado do ser humano. Ele reconhece que, nas profundezas da alma humana, repousa algo que a consciência humana cotidiana não pode conhecer, que nada sabe a esse respeito. Um tesouro repousa lá no fundo do escrínio da nossa alma. Nós guardamos nesses profundos abismos da alma algo que, a princípio, é irreconhecível para a consciência do dia a dia. Quando nos aprofundamos na motivação e no verdadeiro sentido da ciência espiritual, aprendemos que deixar que esse tesouro que repousa na nossa alma se degrade não é apenas um anseio egoísta, mas é o mais profundo dever do ser humano perante as forças do macrocosmos.

Meus caros amigos, assim aprende-se que nas profundezas da alma de cada ser humano na Terra repousa algo que, no passado, os deuses retiraram de seu próprio corpo, de sua própria substância, e o colocaram nele. Aprende-se a sentir que os deuses abriram mão de uma parte de sua própria existência, que, por assim dizer, a retiraram de sua carne e a colocaram em nossa alma. Como seres humanos, podemos fazer duas coisas com esse tesouro da alma, que é uma herança divina. A partir de uma certa comodidade humana, uma pessoa poderia dizer: “que nada, para que preciso eu do conhecimento, se os próprios deuses vão me conduzir às metas”. Bom, eles não fazem isso, pois depositaram esse tesouro no nosso interior para que nós, a partir de nossa liberdade, possamos elevá-lo. Esse é um caminho que a alma humana pode escolher.

NT: Benedictus é o dirigente espiritual que, na citada obra, orienta Capesius e outros mais.
Johann Wolfgang von Goethe escreveu a obra *Fausto*.

O segundo caminho é tornar-nos conscientes de nosso mais elevado dever perante as potências celestiais e dizer: “Devemos elevar, devemos levar, esse tesouro a partir das ocultas profundezas de nossa consciência”. O que fazemos, então, para elevar esse tesouro anímico da profundidade de nossa consciência? O que fazemos é dar uma outra forma a esse tesouro anímico, diferente do que existiu no passado no corpo dos deuses, e nessa forma moldada por nós, em compensação, damos {o tesouro anímico} misteriosamente de volta aos deuses.

Com esse conhecimento, nós não satisfazemos nenhuma questão pessoal nem realizamos algo que simplesmente serve ao nosso egoísmo. O que fazemos, isso sim, nada mais é do que retornar esses bens aos deuses que nos deram, esses nobres bens herdados, para que, transformados, possam levá-los de volta aos mundos superiores. Entretanto, se deixarmos que esses bens se degenerem em nós, aí sim agimos de maneira egoísta, no sentido mais verdadeiro da palavra, pois o processo cósmico perde irreparavelmente esse tesouro anímico, ou seja, se não queremos reconhecê-los em nós, essa parte da herança divina se corrompe.

O sentimento de Capesius surge dessa situação. Na primeira cena do segundo drama, ele sente que o seu dever é deixar a dúvida de lado, não ficar preso ao sentimento de que não dá para fazer nada, mas que, ao contrário, num sentido elevado seria uma violação do dever perante as potências cósmicas se deixasse apodrecer o tesouro anímico. Inicialmente, sente-se incapaz de usar os instrumentos de sua corporalidade para elevar o tesouro anímico. Essa é a discrepância de sua alma, que não é mais parecida à de Fausto.

Ele diz-se ainda o seguinte: “Você deve conhecer, você não deve ficar de jeito nenhum nessa atitude de não {querer} conhecer e, assim, entregar-se ao sentimento de como são fracas as forças que, inicialmente, temos à nossa disposição como resultado da nossa vida do dia a dia para poder elevar o tesouro anímico apontado”. Isso leva, no passo seguinte, a ganhar confiança na própria alma. Se ela desenvolver pacientemente passo a passo aquilo que nela foi depositado, então as fracas forças que {a alma} ainda sente irão crescer, de tal forma que a alma realmente poderá cumprir o dever que tem perante as potências cósmicas. Essa confiança na capacidade de aguentar e na fecundidade da alma humana deve nos fortalecer, quando com frequência nos sentimos desorientados e temerosos, porque só trazemos forças conquistadas no passado, que parecem dizer: “você tem que fazer, mas neste momento você não pode!”.

Afinal de contas, todas as provações da alma ocorrem porque nós recuamos, aterrorizados, diante desse temor ou diante dessa impotência. Somente quando nós encontramos em nós mesmos as forças anímicas que surgem da confiança em nós mesmos, da confiança que cresce gradualmente em nós pelo aprofundamento na ciência espiritual, é que literalmente podemos passar por essas provações. Os senhores já devem ter captado, a partir do espírito desta palestra, que, no final das contas, duas correntes cósmicas estão presentes no interior do ser humano, na totalidade de sua natureza e de sua essência. É preciso ter força anímica para realmente harmonizar essas duas correntes cósmicas, ter a força de resistir corajosa e valentemente a essas duas correntes. Isso se expressa claramente no final do segundo drama *A provação da alma*. Vemos aí como Capesius passou por vivências ocultas muito importantes, como ele teve o direito de olhar por um instante na sua última encarnação, como ele teve o direito de conhecer-se, como ele fora séculos atrás na Terra.

Os senhores encontram uma expressão que verdadeiramente não pode ser tomada levianamente, a expressão de que o conhecimento em uma vida nos impõe deveres para muitas vidas {futuras}, não somente para uma vida. Meu caros amigos, pensem que, ao ter acesso à última encarnação, a pessoa vê a sua relação com outra pessoa, o que deve a essa pessoa, de tal forma que sente que a sua conta cármica está em grande parte sobrecarregada. Então, surge algo na nossa alma que pode realmente tirar a nossa coragem. Nós reconhecemos que na presente encarnação não podemos de jeito nenhum reparar por completo o que fizemos. Aliás, muitas pessoas têm a mais profunda aspiração de reparar nesta vida o máximo que for possível, mas essa aspiração surge a partir do egoísmo.

Pois, para a maioria das pessoas e para o seu egoísmo, é profundamente insuportável ter que passar pelo limiar da morte, levando muito dessa conta cármica, porque elas sabem que vão morrer e devem levar muito dessa conta para a próxima encarnação. Mas a valentia de confessar livre e honestamente que a pessoa tem a maldade na alma exige uma elevada ausência de egoísmo, enquanto que, em geral, a pessoa está condicionada em querer ser boa, ela acha que basta ter a idéia de como o homem pode ser bom. Quem realmente já teve experiências ocultas dessa natureza, deveria poder confessar incondicionalmente a sua maldade e deveria até poder dizer que é impossível reparar tudo nesta vida.

Romanus^{NT} diz isso com uma palavra que pode ser paradigmática. Ele diz que é necessário carregar a culpa da vida passada pelo limiar da morte e esperar corajosamente pelo momento quando o guardião que acompanha a nossa conta cármica estará à nossa frente. Romanus diz isso na obra *A provação das almas* e é necessário que consideremos isso. Estamos diante da outra corrente, que pode ser assim caracterizada: quando a pessoa não pratica o auto conhecimento trivial, mas o verdadeiro autoconhecimento, quando ele aprende realmente a conhecer algo de sua mais profunda essência, aí então ela em geral encontra algo que não gostaria de ter, algo que para ela não é somente algo altamente desagradável, mas que a destroça quando ocorre. Os senhores poderiam comparar esse sentimento básico com a alma humana, que tem algo que destroça, que domina muitas almas, mesmo que elas já tenham algum conhecimento da ciência espiritual.

Muito frequentemente, ouvimos estas palavras: “Ah, eu faço isso por puro altruísmo, nada quero para mim” e por aí afora. Possivelmente, justamente quando a pessoa mais quer para si mesma é que ela se mascara, se oculta, na medida em que diz: “Eu não quero isso para mim”. O que é uma experiência diária. Contudo, é melhor quando a pessoa confessa o que realmente é, que, no fundo, ela quer {os resultados} para si das ações até mais aparentemente altruístas. Dessa forma, ela cria uma base para, passo a passo, aprender a aguentar a imagem que o guardião do limiar, o sentinela do mundo espiritual, vai colocar à sua frente {depois da morte}.

Vamos colocar agora, no sentido mais elevado, a questão: porque é que encontramos tanta desarmonia em nós? O que faz que encontremos tanta desarmonia em nós? Sim, vejam os senhores que isso tem a ver com a totalidade do desenvolvimento da humanidade. É preciso mesmo aceitar que, para poder considerar de maneira mais profunda o desenvolvimento da humanidade, deve-se querer entender porque, justamente quando o ser humano se aprofunda na sua natureza e na sua essência, é que ele encontra tanta desarmonia. Por um instante, vamos imaginar que temos um tesouro anímico escondido em nós, que na verdade passa totalmente despercebido para a atual consciência e que, ao encontrá-lo em meio de nossas provações anímicas, nos deparamos com desarmonias sem fim no fundo da alma, desarmonias que nos fazem recuar aterrorizados, que nos assustam, nos esmagam.

NT: Romanus é o hierofante do templo do Sol, dirigido por Benedictus.

O que é isso que levamos em nós? Nós sabemos que o desenvolvimento da humanidade foi muito complicado até o ser humano chegar ao seu estágio atual. Sabemos que, para receber a sua atual forma, o homem teve que passar pelos estágios do desenvolvimento do antigo Saturno, do antigo Sol e da antiga Lua e que, somente depois disso, é que começou o desenvolvimento da Terra. O dia que mais pessoas tomarem conhecimento da complexidade dos verdadeiros fatos da vida, que não se pode entender de jeito nenhum o que o ser humano é e o que existe em seu entorno sem olhar retrospectivamente para o desenvolvimento de Saturno, do Sol e da Lua, então as pessoas entenderão a infinita inocência daquilo que a nossa atual abstrata ciência oferece, como essa ciência somente fica presa à superficialidade das coisas.

O que hoje temos como sendo a quadrimembração da essência humana foi sendo preparada e se formando lentamente ao longo do desenvolvimento de Saturno, do Sol e da Lua. Ao terminar o desenvolvimento da Lua, o ser humano havia chegado a uma determinada altura de seu próprio desenvolvimento. O tempo que transcorreu entre o desenvolvimento da Lua e o da Terra foi utilizado para que a espiritualidade que existia no ser humano na Lua fosse preparada para a nova semente do desenvolvimento da Terra.

Sendo o ser humano resultado do desenvolvimento em Saturno, no Sol e na Lua, como chegou ele à Terra? Já respondemos esta questão das mais diferentes perspectivas. Hoje queremos acrescentar uma nova perspectiva. Isto é assim, porque não é possível conhecer os verdadeiros fatos ocultos enquanto afixamos conceitos abstratos, mas somente na medida em que buscamos iluminar esses fatos a partir de todos os lados e, assim, podemos chegar mais próximo daquilo que é a verdade. Os caminhos da elevada verdade são intrincados e somente quem quer andar pacientemente pelos seus labirintos é que pode avançar. Se o ser humano é resultado do que foi transmitido da Lua, como passou a participar do processo do desenvolvimento da Terra?

Na verdade, no início do desenvolvimento da Terra não existia absolutamente nada daquilo que é o atual corpo físico do ser humano, daquilo que {hoje} percebemos do seu corpo físico. Mesmo que no antigo Saturno já existira a primeira estrutura desse corpo físico, mesmo que no Sol e na Lua essa estrutura continuara se desenvolvendo e que na antiga Lua atingira um estágio mais elevado, os senhores devem se representar o seguinte: que no tempo entre o desenvolvimento de Saturno e do Sol, entre o desenvolvimento do Sol e da Lua, entre o desenvolvimento da Lua e da Terra, tudo aquilo que se desenvolvera como estrutura do corpo físico e de outros corpos tornou a se espiritualizar. Quando a Lua chegou ao fim do seu desenvolvimento, tudo isso voltou a se transformar em substância supra sensorial.

Tudo aquilo que se desenvolveu do corpo físico em Saturno e voltou a se formar, evidentemente não fisicamente, mas tudo recolheu-se novamente no espírito, por assim dizer, se dissolveu, passou a estar presente como força naquilo que poderia gerar formas físicas. Mas nada físico existia. Assim que começou o desenvolvimento da Terra, não estava presente como corpo físico aquilo que chamamos de corpo físico, mas estava espiritualmente presente, de tal forma que foi se condensando gradualmente em um corpo físico. Ele continha as forças que depois poderiam levar à condensação do corpo físico. Devemos considerar este aspecto. Sim, podemos continuar.

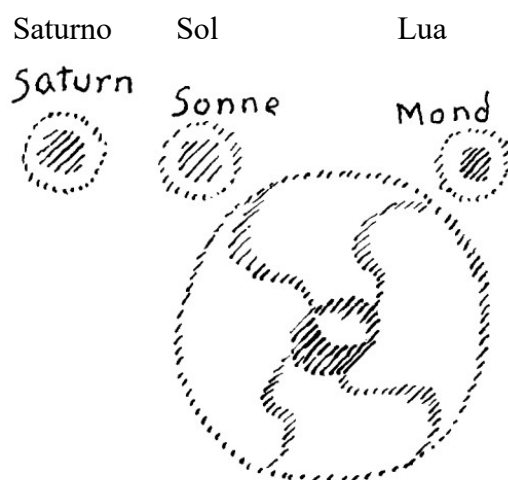
Sabemos que atualmente vivemos na época pós atlante, que foi precedida pelas épocas atlante e lemúrica. E existem outras épocas anterior à lemúrica. Mas quando a época lemúrica foi chegando, o ser humano ainda não possuía o corpo físico na sua atual configuração. O que hoje em dia constitui o corpo físico correspondia, nas suas partes mais densas, ao corpo etérico, ou seja, as forças de nosso atual corpo físico estavam naquela época como que diluídas no corpo etérico.

Esse corpo etérico tinha portanto apenas aquelas forças que, se fossem se adensar conforme a sua própria natureza, poderiam então conduzir à formação do corpo físico. Portanto, elas eram, segundo determinado ponto de vista, as forças do {futuro} corpo físico, mas não existiam como corpo físico. Em decorrência disso, quando o ser humano adentrou o desenvolvimento da época lemúrica, seu corpo mais denso era o etérico e todos os adensamentos do seu corpo físico somente ocorreram a partir da época lemúrica. Esse adensamento do corpo físico se deu de uma maneira complicada.

Portanto, para a visão espiritual, o ser humano existia inicialmente num corpo etérico. Nele existiam aquelas forças do corpo físico que foram conquistadas durante o desenvolvimento de Saturno, do Sol e da Lua. Elas tinham a tendência a se adensar, de tal forma que o corpo físico pode surgir gradualmente, mas elas {as forças tendencialmente formadoras do corpo físico} ainda não eram o corpo físico. Só que o ser humano não seria o que hoje é se as forças do seu corpo físico simplesmente se tivessem adensado com a disposição que tinham naquela época. Se tudo aquilo que exista como disposição no começo da época lemúrica tivesse se manifestado no corpo humano, ele teria um aspecto físico muito diferente {do atual}.

Devemos ter presente que, de fato, hoje em dia a aparência do ser humano é diferente daquilo que ele tinha como disposição na época que nós vemos como sendo anterior à época da antiga Lemúria. Efetivamente, ao longo do desenvolvimento das épocas lemúrica, atlante e pós atlante não somente aquelas forças agiram na natureza humana, mas também outras forças. Se quisermos ter uma idéia como as forças do corpo etérico continuaram agindo {durante esse tempo}, a melhor maneira seria a de contemplar um determinado sistema orgânico do corpo físico humano. Agora queremos dirigir a nossa atenção para {o processo de} como, desde a época da antiga Lemúria, inicialmente uma parcela do corpo etérico tornou-se parte da essência humana.

Digamos que esse desenho pode ajudar a representar o corpo etérico do ser humano, do jeito que ele era no começo do desenvolvimento da Terra antes da época lemúrica. Nesse corpo etérico, estavam presentes muitas correntes diferentes, que eram o resultado do desenvolvimento de Saturno, do Sol e da Lua. Agora vamos destacar algo a partir dessas forças, dessas correntes. Um certo grupo de forças tinha a tendência, criou o objetivo, de dirigir para o coração tudo o que se forma no organismo físico humano, o que poderíamos chamar de a circulação sanguínea e a sua centralização {nesse órgão}. Portanto, são forças que se formaram durante o estágio de Saturno, do Sol e da Lua, mas que se consolidaram no corpo etérico antes da época lemúrica, e que, por assim dizer, se adensaram de tal forma que o sistema sanguíneo com o seu centro, o coração, surgiram como órgão físico.



Observamos assim um sistema orgânico que se adensou fisicamente pela ação gradual de certas forças do nosso corpo etérico durante a época da antiga Lemúria. Assim como os senhores podem ver que o sal se cristaliza a partir de uma determinada forma de tratar uma solução de água e sal, que o sal em forma de cristal se separa dessa solução, assim também é, num sentido mais elevado, com o que chamamos de sistema sanguíneo e o coração. Eles se cristalizaram a partir de forças do corpo etérico humano, que têm justamente a tendência de se adensar nesse sistema físico de órgãos. Somente ao longo do desenvolvimento da Terra é que se desenvolveram para chegar ao coração físico.

Vamos ver ainda porque isso só ocorreu no decorrer do desenvolvimento da Terra e, por exemplo, não ainda durante o desenvolvimento da Lua. O que são, afinal, para nós os sistemas sanguíneo e do coração? Eles são o mundo etérico adensado, as forças adensadas do mundo etérico. Para o desenvolvimento da Terra, essas forças, que se adensaram para formar o nosso sistema sanguíneo e o coração, teriam entrado numa espécie de morte no momento em que elas atingissem essa densidade que o nosso coração físico e o nosso sangue físico, a totalidade desse sistema, hoje precisamente têm.

O significativo, o misterioso, do desenvolvimento da Terra é que não apenas esse adensamento ocorreu, que não somente as forças trazidas do antigo Saturno, do antigo Sol e da antiga Lua se adensaram nesse sistema de órgãos, que não apenas aquilo que existia no corpo etérico se transformou num corpo físico. É que, também durante o desenvolvimento da Terra, cada um de nossos sistemas de órgãos recebeu um impulso, segundo o qual o que antigamente era etérico se adensou no físico e, novamente, se dissolverá, se transformará, retornando ao etérico.

Um dos mais importantes impulsos do desenvolvimento da nossa Terra consiste em que as forças etéricas, depois que se adensaram num sistema de órgãos, não deverão ficar nessa meta final ou ponto final, mas que, por assim dizer, outras forças, outros impulsos, passarão a agir, que, novamente, se dissolverão. No mesmo momento em que os órgãos humanos atingiram a maior densidade durante o desenvolvimento da Terra, certas potências macrocósmicas dissolveram novamente as substancialidades desses sistemas de órgãos. Dessa maneira, aquilo que, digamos assim, anteriormente entrou nos sistemas de órgãos, posteriormente voltou a sair, tornou-se novamente visível.

Podemos acompanhar, digamos assim, ocultamente, da maneira mais precisa possível como essa dissolução ocorre no nosso coração e por meio do sangue que flui, portanto, como os impulsos terrestres intervêm nas substâncias de um sistema de órgãos. O olhar clarividente acompanha como algo flui permanentemente do nosso coração, como resultado do nosso sistema circulatório sanguíneo. Quando os senhores vêem clarividentemente o sangue pulsando no corpo humano, vêem também como o sangue novamente se dilui no coração, como as mais finas partes do sangue, não as grossas, mas as suas mais finas partes físicas se diluem e retornam à forma etérica. Assim como o sangue se formou gradualmente no etérico, também temos agora novamente o processo oposto no atual corpo humano.

O sangue eterizado da pessoa flui permanentemente sob a forma de correntes etéricas do coração em direção à cabeça, de tal forma que podemos ver como o corpo etérico reflui, assume sua consistência anterior, por meio do sangue. Portanto, vemos como aquilo que previamente à época lemúrica se cristalizou a partir do éter para formar o sistema sanguíneo e o coração humanos volta novamente a se eterizar e flui ascendendo no corpo etérico humano em direção à cabeça. E se esta parte das correntes eterizadas do ser humano não fluísse permanentemente do coração em direção à cabeça, não conseguiríamos, mesmo se tentarmos, conhecer o mundo nem pensar o mundo usando somente os meros instrumentos do cérebro para poder pensar. Ou seja, se usarmos somente o cérebro físico para chegar ao conhecimento, o nosso cérebro seria um órgão absolutamente inútil.

A partir do ocultismo, é possível ter uma idéia de como funcionaria o cérebro {físico}, se hoje agisse somente por conta própria. O ser humano só poderia pensar o que tem a ver com as necessidades interiores de seu corpo. Ele poderia, por exemplo, pensar que tem fome, que depois tem sede, que quer satisfazer um e outro impulso. O ser humano só poderia pensar o que tem a ver com as suas próprias necessidades corporais. Se dependesse meramente de seu cérebro físico, ele seria o ser mais egoísta que se poderia pensar. Mas o nosso cérebro é permanentemente irrigado pelas finas e substanciais correntes etéricas que ascendem do coração. Essas correntes etéricas tem um parentesco direto com um sutil e importante órgão do cérebro, que é a chamada glândula pineal.

Elas banham e borrifam a glândula pineal. Essas sutis correntes etéricas levam a glândula pineal a arder e, como órgão físico do cérebro, seus movimentos estão em harmonia com as correntes etéricas, que eu descrevi para os senhores como que saindo do coração. Através disso, porém, esses movimentos etéricos estão novamente em ligação com o cérebro físico e influenciam o cérebro físico para ter um conhecimento egoísta daquilo que torna possível para nós conhecer algo do mundo exterior, que não somos nós mesmos.

Portanto, usando o desvio da glândula pineal, o nosso sistema sanguíneo etérico age retroativamente em nosso cérebro. Os senhores encontrarão explicações mais exatas de um certo ponto de vista sobre este fato quando forem publicadas as palestras que proferi em Praga sob o título *A Fisiologia oculta*^{NT}. Nessas palestras, apresentei algumas das funções da glândula pineal de um outro ponto de vista.

Assim vemos que não temos apenas um processo no devir da Terra que conduz ao adensamento, mas também um processo de diluição. Considerando o exposto, devemos dizer, portanto, que nós temos forças que, de certa forma, podem retroagir à conformação que elas já tinham durante as épocas de desenvolvimento do antigo Saturno, do antigo Sol e da antiga Lua. Por meio de sua consciência normal, o ser humano nada sabe desse maravilhoso jogo de forças de seu corpo etérico que atualmente carrega em si e estabelecem a comunicação entre o seu coração e seu cérebro. Quem tomar consciência disso no decorrer de um desenvolvimento oculto, acaba avistando essas correntes etéricas de uma maneira peculiar.

NT: *A Fisiologia Oculta* (Obra completa volume 128), editora Antroposófica, São Paulo, terceira edição, 2003.

Neste sentido, o auto conhecimento fornece algo altamente curioso, algo altamente significativo. Aqui aprende-se a conhecer como essas forças fluem ascendentemente do coração ao cérebro, para poder conformar o cérebro de tal forma que o ser humano pode usá-lo como instrumento de sua vida anímica. Mas vê-se igualmente que essas forças não são poupadas ao passar pela organização do ser humano, que elas não deixam o coração do mesmo jeito que entraram nele. Tudo aquilo que o ser humano desenvolveu inconscientemente até agora como impulsos inferiores, ambições e tudo o mais que existem na sua natureza é novamente carregado pelas correntes etéricas que formamos a partir do coração.

Portanto, nós recebemos essas correntes etéricas na antiga época lemúrica de certa forma como também correntes puras, desprovidas de qualquer cobiça e qualquer vontade que não seja a de adensar-se nessa maravilhosa, sábia, formação do coração. Depois disso, vivemos fisicamente como seres humanos com esse coração e com esse sistema sanguíneo, passamos por várias encarnações na Terra sem nada saber do adensamento do nosso antigo corpo etérico para conformar as partes físicas do coração e do sistema sanguíneo. E assim nos impregnamos como todo o tipo de ambições e anseios, simpatias e antipatias, sentimentos e paixões, hábitos e equívocos. O corpo etérico, que então surge novamente e se dirige ao coração, está consubstanciado e degradado por tudo isso.

Tudo isso enviamos do nosso coração {para o cérebro} e agora torna-se um verdadeiro conhecimento. Passamos a vislumbrar que não podemos devolver aos deuses da mesma maneira aquilo que recebemos diretamente dos deuses na profundidade de nossa vida corporal, mas somente transformado em impuro pela nossa própria essência. Agora devemos nos aproximar gradativamente ao que foi apontado como sendo uma forma de impureza da nossa própria essência.

Se quisermos entender isso, então devemos cotejar o seguinte. Quando começou o desenvolvimento de Saturno, ou melhor, antes dele começar, a corrente etérica de toda a humanidade e de todo o desenvolvimento da Terra que eu assinalei era uma só. E, na verdade, a divisão, a dualidade, de forças no macrocosmos surge no momento que tem início o desenvolvimento de Saturno. Mais à frente vamos falar porque isso aconteceu, agora somente queremos apresentar o fato. Somente no instante em que começa o desenvolvimento de Saturno é que se dá a divisão de todos os efeitos macrocósmicos.

A mitologia grega sugere essa divisão, na medida em que Cronos, ou o velho Saturno como era chamado pelos gregos da antiguidade, é apontado como o adversário do seu pai, Uranos. Ao mesmo tempo, isso mostra que a mitologia tem consciência de que, no início, todas as forças macrocósmicas formavam uma unidade. Mas, assim que o velho Saturno ou Cronos começa a se cristalizar, surge ao mesmo tempo o antagonismo de algo que existe oculto em Cronos, que é o desenvolvimento universal.

Surge, portanto, uma divisão e, se ficarmos hoje naquilo que foi apresentado até agora, poderíamos dizer que, assim que Saturno começa o seu devir, a soma de todas as entidades divinas e espirituais que regiam o desenvolvimento de certa forma se dividem. Em consequência disso, temos uma corrente de desenvolvimento, que participa diretamente em tudo o que acontece através de Saturno, do Sol e da Lua até a nossa Terra, e uma outra corrente paralela à primeira.

Se eu lançar mão de uma grosseira comparação, os senhores poderiam imaginar essa corrente secundária como sendo algo parecido à relação do ar, da atmosfera que envolve a Terra como uma fina substância, com as partes mais densas da Terra, como a água e a Terra sólida. Também poderíamos nos representar que Saturno, o Sol e a Lua passam por um desenvolvimento mais denso, mas que esse desenvolvimento mais denso está sempre circuncidado por um desenvolvimento mais fino.

Igualmente, poderíamos imaginar que o antigo Saturno, o antigo Sol e a antiga Lua contam com as suas entidades divinas e espirituais agindo diretamente nas suas próprias substâncias, mas que em torno deles existem outras entidades espirituais agindo em Saturno, no Sol e na Lua, assim como o ar existe ao redor da Terra. Assim, sugerimos a existência de dois reinos de deuses ou de espíritos, sendo que um deles participa diretamente em tudo que ocorre em Saturno, no Sol e na Lua. A outra geração de deuses, a outra fileira de deuses, mantém-se à distância, e intervém somente de fora e indiretamente. Agora, vamos ver como se relacionam estas duas categorias de deuses. Peço ao senhores que agora prestem atenção à relação dos deuses que, de fato, são mais abrangentes, que participam diretamente no desenvolvimento de Saturno, do Sol e da Lua, com os outros deuses, que igualmente pairam sucessivamente ao redor dessas esferas celestes.

A melhor maneira dos senhores se representarem como se dá essa relação seria se, inicialmente, os senhores se observarem a si mesmos. Olhem para a alma humana, ela pensa. O que significa dizer que ela pensa? Significa que ela gera pensamentos. Este é um processo que ocorre em nós, que de um lado faz de nós seres anímicos reais e, do outro, leva a que nossos pensamentos permanentemente ascendam e, ao mesmo tempo, envolvam permanentemente a nossa alma. O ser humano com seus pensamentos é também um ente anímico, que se encontra num estágio relativamente inferior na organização do cosmos.

Os entes que agora identificamos como deuses e distribuímos em duas correntes encontram-se num nível muito mais elevado. Pensem os senhores que o ser humano não estaria em condições de expressar os seus pensamentos como meros pensamentos, mas que a alma humana seria de tal forma forte que o que ela pensa passa logo a ser um ente, que nossos pensamentos nasceriam como entes, que, quando gerarmos um pensamento, este já estaria realmente aí. De certa forma, ele fica na crônica do Akasha, mas não se adensa ao ponto do ser humano possa tê-lo à sua frente como uma realidade.

Pensem os senhores, nós não pensariamos pensamentos, mas com cada pensamento estaríamos gerando um ente. Com isso, concebemos o que ocorre no interior do mundo divino e espiritual. Os deuses que viviam na mais bela harmonia, na mais bela unidade, existiam antes {do surgimento} do antigo Saturno e eles se representavam: eles pensavam. Só que os seus pensamentos não eram como os pensamentos humanos, estes devem ser chamados de irreais, mas aqueles eram entes, eram outros deuses. Assim, temos gerações de deuses que, originalmente, estão na sua realidade através de si mesmos, e outras gerações de deuses, que simplesmente são as reais representações dos deuses diretamente ligados a Saturno, ao Sol e à Lua. Estes são os deuses que, igualmente, flutuam no seu desenvolvimento nas suas esferas cósmicas em torno de Saturno, do Sol e da Lua.

Portanto, temos duas gerações de deuses. Uma dessas gerações é o mundo das representações da outra geração. A primeira mantém com a segunda uma relação parecida à dos nossos pensamentos com a nossa real existência anímica. Como temos chamado até agora esses deuses que realmente apenas são os pensamentos dos outros deuses? Devido a determinadas características, os deuses que somente são os pensamentos dos outros deuses temos chamado de entes luciféricos. Num sentido mais amplo, devemos atribuir aos entes luciféricos tudo do que se possa dizer que os deuses originais tinham como sendo a necessidade de se representar e se autoconhecer.

É por isso que eles {os deuses originais} se apresentam como pensamentos cósmicos ou entes do pensar perante os entes luciféricos, da mesma forma como atualmente o homem projeta diante de si os seus pensamentos. Como no fundo o ser humano só se conhece a si mesmo nos seus pensamentos, assim também os deuses originais aprenderam o autoconhecimento através de Lúcifer e suas turmas. Podemos expressar isso de outra forma. Poderíamos dizer que esses entes que apenas eram as representações dos outros sempre ficaram atrasados perante o desenvolvimento desses outros.

Os deuses que progridem preservaram, ao mesmo tempo, algo de si mesmo, assim podiam olhar-se retrospectivamente e podiam contemplar-se nesse espelho formado pela própria substância dos deuses, da mesma maneira como na vida real o ser humano somente pode reconhecer-se a si mesmo diante de um espelho. De fato, os entes luciféricos são entes retardatários, expelidos da essência dos deuses originários, que estavam aí para servir como espelho de autoconhecimento dos deuses que progridem.

De certa forma, o que ocorre microcósmicamente em nossa alma é absolutamente uma imagem desse macrocosmos. Só que essa imagem em nós, de certa forma, se apresenta em nós de maneira invertida em relação ao que existe no macrocosmos. Nós levamos em nosso microcosmos uma imagem dessa divisão dos deuses, dessas gerações de deuses, sendo uma dela formada pelos deuses que progridem e a outra pelos entes que, nascidos desses deuses originários, estão aí para que estes possam se representar. Os senhores podem concluir que deve existir uma enorme diferença entre essas duas correntes de gerações de deuses, o que pode ser visto claramente.

A diferença mostra que o nosso Eu pleno, com tudo que vive de inconsciente em nós e que surgiu do nosso organismo corporal, tem sua origem na geração dos deuses originários. Contudo, o que vivemos na nossa consciência comum e corrente tem sua origem na geração dos deuses que nada mais são do que a representação dos originários. O que constitui a nossa essência vem a nós de dois lados. A nossa organização geral com todo o subconsciente vem da geração dos deuses originários. Aquilo que nos é consciente vem do outro lado, do lado da geração dos deuses que circundavam o velho Saturno, o Sol e a Lua.

É por isso que, quando adentramos a vida de nossas representações, sentimos que, num sentido elevado, ela apenas é a filha mais nova de uma geração de deuses. É por isso é que sentimos como irreal quando algo como um pensamento simplesmente perpassa a nossa vida consciente. Os iniciados dos mistérios gregos {da antiguidade} captavam isso quando ouviam que existiam abrangentes correntes divinas do devir, que fluíam inconscientemente na sua essência {dos iniciados}, e existiam outras que somente eram captadas pela consciência normal.

Assim, para esse iniciado grego era claro que deveria prescindir da consciência normal e se voltar para os antigos deuses, também chamados de deuses subterrâneos, para aqueles deuses de cuja natureza Dioniso participava. Somente assim poderiam os iniciados ter acesso ao conhecimento da verdadeira essência do ser humano. No decorrer do desenvolvimento da Terra, só existe um elemento pelo qual algo absolutamente novo pode penetrar em nós, um novo elemento da clarividência, mas também um novo elemento da alma e da ação, permeados por forças ocultas.

De fato, é assim que, para a totalidade da vida humana, até certo momento a partir da corrente dos deuses que flutuavam no desenvolvimento do antigo Saturno, do Sol e da Lua só pode vir aquilo que acabei de caracterizar. Isso fluiu de fora para o interior da consciência humana, sem que o ser humano tivesse que, digamos assim, descer ao seu interior, à região dos deuses do plano inferior. Só podia fluir aquilo que nunca poderia chegar à verdadeira realidade cósmica. Através do conhecimento exterior não se pode chegar à verdadeira realidade cósmica, pois, para isso, algo deveria se misturar ao que veio à nossa consciência convencional durante o longo tempo {do desenvolvimento} de Saturno, do Sol e da Lua, que não é apenas a vida de representações dos deuses inferiores, mas algo que é uma realidade.

Algo que age assim como quando, de repente, o que somente se dá na nossa vida do pensar, que sempre existe diante de nós, como se a alma exalasse a nossa irreal vida do pensar, como se fosse presa por uma realidade substancial e um pensamento muito predileto ficasse parado e permanecesse ao nosso lado, como a nossa própria alma, como uma realidade. Algo deveria acontecer se os deuses que flutuam nas redondezas quisessem agir como tinham agido os deuses das correntes ao longo de todos os tempos, que por meio de sua própria essência agiram até o interior da nossa organização corporal. Algo deveria fluir de fora até nós, algo que, digamos assim, significaria um renovação, um renascimento, um revigorar daquilo que nos organizou e que, depois, se retirou até as profundezas da nossa consciência.

O que num momento adentrou essa geração de deuses de fora foi, de fato, o Cristo, que entrou no corpo de Jesus de Nazaré durante o batismo realizado por João Evangelista no rio Jordão. Através do Cristo, entra um ente divino na vida física pelo mesmo caminho que esses deuses utilizaram para chegar até a vida na Terra, que, na verdade, antigamente só eram os entes imaginados pelos outros deuses {os deuses originários}. Mas agora {através da entrada do Cristo na corporalidade de Jesus} entra pela primeira vez um ente real, um ente que não é uma representação dos outros deuses, mas é autônomo, substancialmente autônomo.

Assim, chega do espaço cósmico, no qual até agora apenas as representações de outros deuses viveram, um pensamento divino que é real. Como foi isso possível? Isso foi possível, porque esse significativo evento do batismo realizado por João {Evangelista} no rio Jordão passou por uma longa preparação ao longo de todo o nosso devir humano, durante {os tempos de} Saturno, do Sol e da Lua. O que ocorreu no rio Jordão e depois por meio do mistério do Gólgota é o eco de um outro importante evento, que, aliás, ocorreu num passado muito, muito antigo, que devemos localizar na época do desenvolvimento do antigo Sol. Portanto, do jeito que o desenvolvimento ocorreu até agora, temos o desenvolvimento de Saturno, do Sol, da Lua e da Terra. Durante o desenvolvimento da Terra vivenciamos o mistério do Gólgota e o batismo de João {Evangelista} no rio Jordão.

Graças à crônica do Akasha, é possível conhecer um outro significativo evento que se deu durante o desenvolvimento do antigo Sol, que pode ser caracterizado da seguinte maneira. Pode-se falar de um processo que, naquela época, havia avançado muito, pelo qual os deuses de cima eram as representações dos deuses de baixo e também deles dependentes. Se me permitirem expressar de maneira trivial, diria que os deuses de cima achavam que era mais adequado à sua própria essência viver em meio dos elementos mais leves do mundo superior do que entre os elementos mais densos, a partir dos quais a Terra foi {posteriormente} formada.

Então, durante o desenvolvimento do Sol ocorre esse divórcio entre duas correntes diferentes de deuses, sendo que os deuses realmente mais antigos decidem continuar vivendo com os elementos Terra, Água e Ar. Os outros deuses acham muito penoso ter que deslocar-se em meio desses elementos mais densos e simplesmente vivem em meio ao que nós chamamos de elementos etéricos, primeiro o éter calórico, depois o da luz e o éter químico ou vital. Também poderíamos descrever essas duas correntes paralelas de deuses, dizendo que uma delas escolhe andar entre os elementos mais densos, enquanto que a outra vai pelo caminho mais fácil, que, poderíamos dizer, esses deuses flutuam no éter químico e no éter vital, e a partir destes formam os seus corpos. Esses deuses de cima desenvolvem forças conforme o que vive nos elementos etéricos mais sutis e, dessa maneira, a longo prazo somente poderiam viver em meio desses elementos mais sutis. Isso se deu em grande parte durante o desenvolvimento do antigo Sol.

Mas, aproximadamente no meio do desenvolvimento do antigo Sol, ocorreu algo grandioso, algo imponente: durante o desenvolvimento do Sol, um ente cria forças que se opõem aos elementos etéros mais sutis, mais finos. Comparado ao mistério do Gólgota, que chamamos de o grande sacrifício da Terra, poderíamos falar agora de um sacrifício do Sol, que consiste em que, na verdade, um ente escolheu sua moradia entre os deuses que somente queriam viver em meio dos elementos mais sutis, mas que criou tamanhas forças densas que estavam à altura dos elementos da Terra.

Assim, desde o desenvolvimento do Sol, no conjunto de entes, que na verdade com seus forças somente estão armados {para viver} no etérico, temos um ente que, no interior do éter cósmico, possui um parentesco íntimo com o éter terrestre. Desde o desenvolvimento do antigo Sol, este ente espera pelo momento propício para ele mesmo introduzir na Terra as forças que formou. A grande contribuição de Zaratustra^{NT} foi que ele reconheceu que algo do antigo Sol ficou naquilo que é o Sol exterior. Esse ente manteve isso provisoriamente em si mesmo. Mais tarde, chegou o momento quando esse ente desceu à Terra com a forma adequada também para esse ambiente. Assim então, veio o momento em que a humanidade simplesmente ainda não estava madura para conhecer completamente esse ente inserido no mundo etérico, mas pelo menos conheceu a sua imagem. Essa foi a etapa da preparação. Amanhã vamos ver porque, no decorrer do desenvolvimento, esse ente não se mostrou totalmente, mas apenas como uma imagem refletida, que poderíamos caracterizar dizendo que essa imagem se relaciona com a realidade, assim como a luz da Lua, que reflete a luz do Sol, se relaciona com a própria luz do Sol.

NT: Segundo Rudolf Steiner, em uma de suas sete encarnações, Zaratustra foi o fundador da civilização persa e da doutrina cósmica da luz (Ahura Mazda) e da escuridão (Arimã). Em outra, o menino Jesus da linha salomônica, que viveu 12 anos nesse corpo, depois se transferiu para o corpo do menino Jesus da linha natânica e viveu como Jesus de Nazareth (Veja *O evangelho de Lucas Considerações esotéricas sobre suas relações com o budismo*, Obra Completa volume 114, editora Antroposófica, São Paulo, segunda edição, página 51, 1996). Também pode-se ouvir gratuitamente esta obra narrada em português por Ana Cristina Rezende Turner no portal > <https://rudolfsteineraudiobrasil.com> <.

A princípio, esse ente, que inicialmente se preparou para o grande ato do Gólgota durante o tempo do antigo Sol, mostrou-se aos seres humanos como sendo a sua imagem refletida. O antigo povo hebraico chamou essa imagem de Jahve ou Jehova. E Jahve ou Jehova é a imagem refletida do Cristo, que, no fundo, é o mesmo Cristo, é apenas como imagem refletida, como que mostrada previamente como profecia. Previamente mostrada até que chegou o momento em que o ente pode se mostrar na sua própria forma, na sua imagem original, e não apenas como a imagem refletida de si mesmo.

Vemos, assim, como o mais importante evento da Terra se preparou no antigo Sol, vemos como a humanidade foi preparada pela antiguidade hebraica para receber o Cristo. Vemos o ente que outrora se separou da Terra, que se dirigiu ao Sol e voltou a descer {à Terra}. Mas também vemos como ele inicialmente se apresentou ao ser humano como uma imagem refletida, digamos, como uma representação. Da mesma forma como os deuses de cima se relacionam com os de baixo, assim também, para o bom entendedor, Jahve ou Jehova é a representação do verdadeiro Cristo, a quem se assemelha completamente.

É por isso que, de certa forma, podemos falar de Jehova-Cristo e atingimos assim o verdadeiro sentido dos Evangelhos, que nos dizem que o próprio Cristo falou o seguinte: se vocês quiserem me conhecer, então também deverão saber como Moisés e os profetas falaram de mim. O Cristo sabia muito bem que, quando outrora se falava de Jahve ou de Jehova, falava-se dele e tudo que Jahve falou se relacionava ao Cristo, assim como a imagem refletida tem a ver com a imagem original.

* GA 129 As maravilhas do mundo, as provações da alma e as manifestações do espírito, Rudolf Steiner Verlag, Dornach, quinta edição, 1977.